

Economista sugere ampliar corte de gastos

Para José Márcio Camargo, uma das formas seria congelar investimentos da Petrobrás

JÔ GALAZI

RIO – O governo tem de aprofundar o ajuste fiscal para que o País ganhe condições de ultrapassar a crise em que se debate. E uma forma de fazer isso é cortar os investimentos da Petrobrás, previstos em R\$ 8 bilhões para este ano. “Esses investimentos não são essenciais neste momento, ao passo que o governo precisa, com urgência, mostrar que está cortando mais gastos do que tinha programado antes”, afirma o professor de Economia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) e sócio da consultoria Tendências José Márcio Camargo. Ele avisa ainda que a equipe econômica não pode relaxar com os juros: as taxas têm de ser altas mesmo, por enquanto, embora isso aprofunde o déficit das

PIB
PODERÁ
TER
QUEDA
DE 6%
A 7%
ESTE ANO

contas públicas e agrave a recessão que se viverá este ano. Ele discorda de quem o considera pessimista, pelo cenário adverso que tem descortinado para a economia brasileira em 99. “Sou apenas realista”, define-se Camargo, para quem, se o governo agir certo, eliminando gastos e adotando uma política monetária dura, com taxas de juros altas, o País sofrerá uma recessão que marcará o ano inteiro, traduzida em uma queda do Produto Interno Bruto (PIB) de 6% a 7%, e desemprego médio no ano em torno de 10% – mas com um pico, em algum período de 99, que pode alcançar 14% em um mês. A inflação fica-

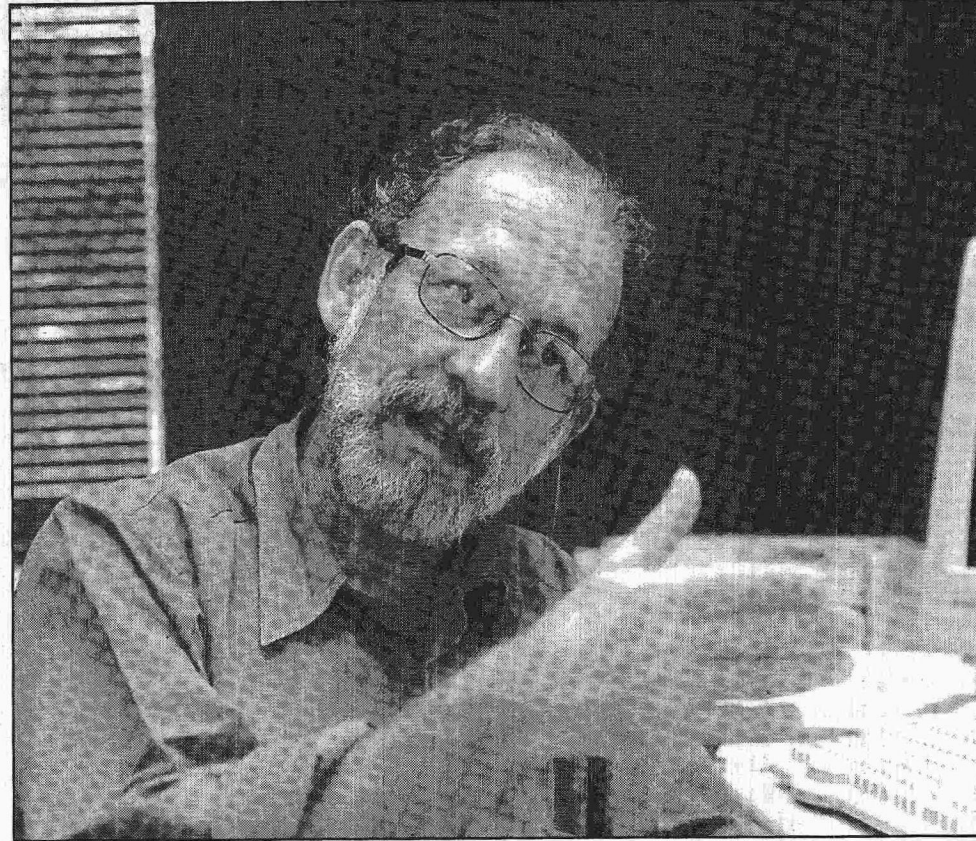
ria em torno de 10%, um percentual bom, considerando as circunstâncias.

É um quadro muito negativo, reconhece Camargo. Mas ele assinala ser este o melhor, em nome do futuro, uma vez que se a equipe econômica adotar as providências duras que a hora presente exige, o País emergirá no ano 2000 pronto para crescer e razoavelmente ajustado. Se deixar os juros frouxos e não cortar gastos, a recessão doerá menos e haverá menos desemprego, porém a inflação voltará forte, afirma. “Não tem jeito: se a inflação for alta o desemprego será menor e se a inflação for mantida baixa, teremos mais desemprego”, sintetiza.

Trajectoria – Em pelo menos um ponto o economista tem uma visão muito mais favorável do que a de seus colegas de profissão: a velocidade da desvalorização do real, superior à de outros países que desvalorizaram suas moedas – isso tem sido apontado como um fator extremamente preocupante. Jo-

sé Márcio Camargo, entretanto, mostra-se bastante tranqüilo em relação a isso, apesar de o dólar, na sexta-feira, ter ultrapassado a linha dos R\$ 2,00. Segundo ele, esse processo já era esperado e ninguém sabe onde parará. Camargo lembrou que dólar valorizou-se 118% em cinco meses em relação ao bath da Tailândia. Na Coreia, a moeda local perdeu 80% do seu valor em sete meses, e no México, 95% em quatro meses. O Brasil, de fato, vem apresentando maior rapidez, mas isso está ocorrendo, assinala, porque o mercado financeiro nacional é mais sofisticado do que o desses países.

“A rapidez não é problema



Camargo: importação deverá despencar e saldo comercial ficar positivo em até US\$ 7 bilhões

e pode até ajudar, se acompanhada das medidas certas, pois o dólar subirá depressa e depressa cairá, o que significa que esse movimento terá sobre a economia real menos efeito do que se a desvalorização se desse mais lentamente”, explica. Camargo alerta, contudo, que essa vantagem somente se concretizará se o governo optar pelo caminho coreano, de adoção de uma dura política monetária, marcada por taxas de juros muito altas. “Com as taxas de juros altas, na medida em que o dólar vai se valorizando o mercado percebe que sai caro especular contra a moeda nacional e as cotações da moeda norte-americana entram em trajetória descendente”, frisa. Somente quando a linha do dólar for a de descida é que, cuidadosamente, o Banco Central poderá ir reduzindo as taxas de juros, acrescenta.

No entender dele, o pior caminho seria o mexicano, em que o dólar se valoriza e não desce, porque nesse caso os

preços passam a subir e forma-se um quadro de inflação alta, do qual não é fácil sair. “Esse cenário prevalece quando a política monetária fica relativamente frouxa para que a recessão seja mais suave.” Enfim, destaca, paga-se essa “suavidade” com inflação.

Felizmente, diz José Márcio Camargo, na semana passada o governo começou a operar com correção e iniciou um processo de elevação das taxas de juros. Claro que isso tem uma contrapartida negativa – o déficit público aumenta, porque o governo tem de pagar mais juros sobre seus títulos, e o mercado financeiro começa a especular que o governo não vai conseguir pagar suas contas. “Prefiro acreditar que este governo não vai ser louco o suficiente para adotar algo como uma moratória, por isso não quero nem comentar tal possibilidade”, afirma.

De qualquer forma, a consequência de uma moratória seria, conforme ele, mais uma

vez emitindo. O economista não gostou, por exemplo, de o presidente ter recebido o ex-ministro da Fazenda Ciro Gomes, um pregador do controle cambial. Segundo Camargo, os sinais saídos do governo deveriam ser claros e únicos, deixando claro que não conversa com ninguém que não esteja com a política que diz estar seguindo. “Quando o presidente recebe alguém que defende controle cambial, ou centralização cambial ou qualquer outra medida extrema abre caminho para o aumento de boatos que tornam o mercado ainda mais instável, com maior desvalorização para o real e mais saída de divisas”, explica.

Para o economista, haverá recessão este ano, não impor-

tado, como a de 80, estagnação, superávit de US\$ 15 bilhões na balança comercial e nada resolvido. “A inflação crônica voltaria, porque os importados já não inibiriam remarcações.”

Ciro – No capítulo dos erros que estão sendo cometidos, José Márcio Camargo aponta a quantidade de sinais dúbios que o presidente da República, Fernando Henrique

Cardoso, ta o que se faça. E inflação também, que pode ser limitada, se o governo optar por uma política monetária realmente severa e cortar todos os gastos que não sejam absolutamente essenciais. Ele acha que na rubrica de outros gastos de custeio, que monta a R\$ 39 bilhões, o governo dispõe de uma boa margem para corte – nesta margem estariam R\$ 8 bilhões de investimentos previstos para a Petrobrás.

Naturalmente, o efeito sobre o nível de emprego será enorme, mas pelo menos não se terá uma inflação elevada. Inflação alta, recorda, tende a reduzir o desemprego, porque os salários reais caem mais rapidamente. “Já tem muita gente pedindo mais inflação, como a Federação das Indústrias de São Paulo (Fiesp) e os sindicatos de trabalhadores do ABC paulista, para os quais a inflação não é desastrosa”, enfatiza. Já para os verdadeiramente pobres, segundo Camargo a inflação é destrutiva, por corroer o poder de compra dos seus rendimentos, que eles não têm como preservar.

As exportações, conforme o economista, ajudarão um pouco, mas ele não está entre os que acreditam em um crescimento de 10% na receita das vendas externas.

Como destaca, a economia mundial vem crescendo menos e os preços das commodities encontram-se em queda.

Por isso, o País pode até exportar menos, mas a receita será menor do que a que andam prevendo. De outro lado, porém, as importações despencarão, o que fará com que o saldo da balança comercial seja positivo em US\$ 5 bilhões a US\$ 7 bilhões, estima ele.

HAVERÁ
RECESSÃO
ESTE ANO,
NÃO IMPORTA
O QUE O
GOVERNO
FAÇA